



POETIZANDO O PROSAICO COTIDIANO DA EXISTÊNCIA (NA CIÊNCIA E NA EDUCAÇÃO)

Izabel Petraglia*

Resumo – A partir do cenário fragmentado das sociedades contemporâneas, que estimulam o estabelecimento de vínculos frágeis, é objetivo deste texto refletir sobre o papel da educação, à luz do pensamento complexo de Edgar Morin e da ideia de sociedade líquida de Zygmunt Bauman, acreditando que a religação dos saberes é fundamental ao cultivo do estado poético dos sujeitos, com vistas a uma vida mais solidária e feliz.

Palavras-chave: ciência, arte, educação, poético, prosaico.

A resistência é o outro lado da esperança.
(Edgar Morin)

Ter ou não ter, eis a questão!
(Nilton Bonder)

[...] a gente não quer só comida
a gente quer comida, diversão e arte.
a gente não quer só comida,
a gente quer saída para qualquer parte.
a gente não quer só comida,
a gente quer bebida, diversão, balé.
a gente não quer só comida,
a gente quer a vida como a vida quer.
(Arnaldo Antunes, Sérgio Britto, Marcelo Fromer)

* Pós-doutora pelo Centro Edgar Morin, da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove) e coordenadora do Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade (Niic) em São Paulo.

Viver
E não ter a vergonha de ser feliz.
Cantar e cantar e cantar,
A certeza de ser um eterno aprendiz
(Gonzaguinha)

INTRODUÇÃO

A atual cultura do efêmero, do descartável e do provisório dá origem à cegueira do medo, que favorece o desenvolvimento de novas formas de cegueira, e assim sucessivamente as nossas carências e faltas estimulam uma paralisia diante do enfrentamento das ausências e das barreiras. A perplexidade, o estranhamento e a sensação de impotência – que é recorrente –, mesmo diante de situações conhecidas, do passado, nos imobilizam e nos impedem de encontrar soluções novas e criativas. Ficamos reféns do medo diante do novo e do incerto. A partir desse cenário fragmentado que estimula o estabelecimento de vínculos frágeis, o objetivo deste texto é refletir sobre o papel da educação, à luz do pensamento complexo de Edgar Morin e da ideia de sociedade líquida de Zygmunt Bauman, acreditando que a religação dos saberes é fundamental ao cultivo do estado poético dos sujeitos, com vistas a uma vida mais solidária e feliz.

UM CENÁRIO DE PERPLEXIDADE E FLUIDEZ: FALTA AMÁLGAMA

O sociólogo humanista polonês Zygmunt Bauman (2011) nos questiona, a partir do título de um de seus livros: *A ética é possível num mundo de consumidores?* E nossa resposta positiva tem que ser imperativa, a despeito do prosaico cotidiano de nossa existência e de tantos reveses vividos em meio às turbulências, ora das sociedades globalizadas, ora das políticas locais, nos tempos atuais.

A cegueira do conhecimento nos rouba ainda a possibilidade de ir além das aparências, além das ilusões. Ficamos no sonho e na fantasia – que nos alegram, é verdade! –, mas sem a ação não atuamos na realidade –, e ela nos humaniza. É preciso unir sonho e realidade, sabedoria e loucura, prosa e poesia, prática e teoria, emoção e razão numa teia de relações complexas, que ao mesmo tempo que são antagônicas são também complementares. Mas precisamos também questionar o conhecimento, revisar nossas crenças e valores, visitar os postulados que nos foram impostos.

O pensador francês Edgar Morin (1991, p. 24), autor da epistemologia da complexidade, afirma:

O poder imperativo/proibitivo conjunto dos paradigmas, crenças oficiais, doutrinas reinantes, verdades estabelecidas, determina os estereótipos cognitivos, idéias feitas sem serem examinadas, crenças estúpidas não contestadas, absurdos triunfantes, rejeições de evidências em nome da evidência, e faz com que reinem, sob todos os céus, os conformismos cognitivos e intelectuais.

Nós criamos algumas verdades e passamos a acreditar nelas e a elas nos tornamos devotos. São essas crenças que nos guiam e determinam nossas ideias e práticas. Produzimos a cultura e somos produtos dela também. No entanto, alerta-nos Morin (1991, p. 26): "as idéias movem-se, mudam, apesar das formidáveis determinações internas e externas que inventaríamos. O conhecimento evolui, transforma-se, progride, retrocede. Novas crenças e teorias nascem, enquanto morrem outras antigas".

Não podemos ficar cristalizados em ideias ultrapassadas ou pensamentos únicos. Temos que ultrapassar os entraves que nos encarceram em práticas ou teorias fechadas e reducionistas. É necessário que se estabeleça o diálogo entre os conhecimentos já produzidos com os diversos tipos de pensamento para que se assegurem a pluralidade e a diversidade de pontos de vista. Precisamos de metapontos de vista que permitam e favoreçam o despertar solidário de e para uma política de civilização, justamente em tempos de competição e valorização do individualismo exacerbado. O poeta Carlos Drummond de Andrade (2002, p. 160-161), no poema "Nosso tempo", já alertava para o fato de que vivemos o tempo de homens partidos:

Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos. [...]
Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!
Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir.

Bauman (2004), do mesmo modo, sinaliza a perda de sentido anunciada pelo poeta, quando constata a fragilidade dos relacionamentos humanos na atualidade. Entende que, na *modernidade/sociedade líquida*, os laços são *frouxamente atados* e, por isso, desfeitos com

facilidade, inspirando insegurança e gerando conflitos. Não há nenhuma garantia de permanência ou de estabelecimento de vínculos fortes. Afirmo o autor:

Em nosso mundo de furiosa "individualização", os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam – embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial (BAUMAN, 2004, p. 8-9).

Outra ambivalência tem sido muito discutida na academia: as novas tecnologias. O mundo, a escola, as relações sociais e os relacionamentos pessoais mudaram significativamente nas últimas décadas. A tecnologia adentrou o universo cultural, social, educacional e, cada vez mais, tem se tornado ferramenta de formação. As redes sociais, o ensino a distância, os *chats*, *sites* de relacionamentos têm se configurado em novos hábitos e importantes meios de aquisição de diferentes tipos de conhecimento. Paradoxalmente, os mesmos hábitos que aproximam os sujeitos também os afastam, e solidariedade dá lugar à solidão, ao individualismo e à perda de sentido.

Vale lembrar uma comédia da Pandora Filmes, de Hal Salwen, de 1995, intitulada *Denise está chamando* (*Denise calls up*), que relata os desencontros de um grupo de amigos adolescentes, que nunca se veem e só se comunicam por meio da técnica; por telefone ou por computador. Quase duas décadas depois, observamos que o filme é atual e mostra uma sociedade *high tech*, permeada pelo esfacelamento dos vínculos pessoais, mesmo diante de tantas possibilidades de aproximação. As pessoas, cada vez mais, estão em busca de emoções, mas não encontram sentido na vida e em suas ações; da mesma forma, não produzem eco ou ressonância no outro, tampouco agregam algum valor à própria existência. *Denise está chamando* é uma comédia, que também é capaz de apontar para o lado trágico da vida, quando o ser humano, diante do imponderável, não sabe para onde ir e nem como ou para que ir a algum lugar.

Se um desafio da condição humana é viver no risco e na incerteza, a complexidade se faz presente à flor da pele, seja na continuidade da imprevisibilidade e provisoriedade do tempo, seja na contextualização da permanência da vida.

A escritora belga Marguerite Yourcenar (2000, p. 255), autora de consistente obra, sendo a mais conhecida no Brasil *Memórias de Adriano*, em carta de 2 de janeiro de 1975, enviada a Jeanne Carayon, que compõe uma antologia de sua correspondência, expressa as con-

tingências da passagem do tempo com a experiência da velhice e assim expõe a sua sensibilidade poética¹:

*Me atreveré a decirle que no pienso tanto en la vejez;
nunca creí que la edad fuera un criterio.
No me sentía particularmente "joven" hace cincuenta años [...],
y no me siento "vieja" hoy. Mi edad cambia de hora en hora [...].
En los momentos de cansancio tengo diez siglos;
en los momentos de trabajo, 40 años;
en el jardín, con el perro, tengo la impresión de tener cuatro años.*

Vários autores manifestaram-se acerca do fenômeno do tempo e da importância de vivermos felizes cada período da existência. Não se trata tão somente de quantificar a realidade, a duração, a continuidade ou o fragmento, mas de qualificar o momento, ressignificar o instante vivido. A perspectiva que o poeta Vinícius de Moraes (1986, p. 49) atribuiu ao amor, em "Soneto de fidelidade", podemos também conferir ao tempo: "que seja infinito enquanto dure". Os bons momentos de felicidade nos parecem eternos tanto pela permanência da lembrança que evocam quanto pela duração do instante na memória que eles representam. Solidarizamos-nos com Gaston Bachelard (2007, p. 42) quando afirmou: "nos obstinaremos em afirmar que o tempo nada é se nada acontece, que a Eternidade antes da criação não tem sentido; que o nada não se mede, que ele não pode ter uma grandeza". O tempo é marcado pelo que faz sentido. E ele nos escapa, já nos alertou Rubem Alves (1990): "*Tempus fugit*", por isso, *Carpe diem* – aproveite o dia!

UMA BRECHA PARA AMPLIAR A VISÃO DE MUNDO

Diante de um cenário multidimensional e de sociedades fragilizadas pela liquefação, onde tudo é fluido, a escola não pode se furtar em renovar práticas pedagógicas e modos de relações que têm na sala de aula espaço privilegiado para a formação científica e humanística. A educação é a brecha de que dispomos para a ampliação da visão de mundo, necessária para a construção de uma política planetária de justiça e felicidade, capaz de unir prosa e poesia no cotidiano da vida.

Morin (2000, p. 11) concorda com Kleist, quando afirma: "O saber não nos torna melhores nem mais felizes". Entretanto, o autor complementa: "Mas a educação pode ajudar a nos

1 - Tradução livre: "Atrever-me-ei a dizer-lhe que não penso tanto na velhice; / nunca acreditei que a idade era um critério. / Não me sentia particularmente 'jovem' aos cinquenta anos [...], / e não me sinto 'velha' hoje. Minha idade muda de hora em hora [...]. / Nos momentos de cansaço tenho dez séculos; / nos momentos de trabalho, quarenta anos; / no jardim, com o cachorro, tenho a impressão de ter quatro anos".

tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensina a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas".

Para isso, precisamos de uma concepção transdisciplinar do conhecimento que implique, antes de tudo, reformar o pensamento para a religação e, assim, promover a conjugação da cultura científica com a cultura humanística. Entendemos que essa perspectiva polissêmica nos permite melhor enfrentar os desafios da atualidade, compreender o nosso lugar no mundo, de modo a estabelecer mais solidariedade e menos egoísmo e solidão.

Se já entendemos que pesquisa é base da produção do conhecimento, não só seu papel é absolutamente relevante e fundamental no exercício da docência nas instituições de ensino, mas também o envolvimento da comunidade científica com a sociedade é igualmente primordial para a concretização de sonhos e possibilidades. É papel da escola a transformação da sociedade e a ela cabe o compromisso da formação e inserção social de profissionais éticos, qualificados e competentes, e ações efetivas que possam promover tal formação, a partir de intercâmbios intra, inter e transinstitucionais.

Políticas educacionais comprometidas com a intersecção do trinômio ensino, pesquisa e extensão não poderiam deixar de apoiar ações relevantes, projetos inovadores, engajamento de professores na pesquisa científica e o despontar de novos talentos e novas tendências, com vistas à permanência, à continuidade e ao aprimoramento da cultura investigativa consistente e transdisciplinar, na direção de uma ciência com consciência. Que essa ciência possa ser reconhecida como elemento aglutinador e responsável pelo comprometimento dos sujeitos com uma sociedade mais justa, livre e humanizadora.

Bauman (2001) ataca os muros da academia que isolam, fragmentam e oprimem e é indiferente às fronteiras disciplinares. Procura compreender a complexidade e a diversidade da vida humana, tentando atingir pessoas comuns que, segundo ele, se esforçam por serem humanas, num mundo que é desumano. Entende que o mundo pode ser melhor do que é hoje. O autor refere-se com frequência aos romances em sua obra, encontrando na arte um caminho para o autoconhecimento. Ao ser indagado sobre o que a literatura pode ensinar à sociedade e à condição humana, ele afirma, na entrevista concedida a Pallares-Burke (2004, p. 318):

Eu, por exemplo, me lembro de ganhar de Tolstoi, Balzac, Dickens, Dostoievski, Kafka ou Thomas More muito mais *insight* sobre a substância das experiências humanas do que de centenas de relatórios de pesquisa sociológica. Acima de tudo, aprendi a não perguntar de onde uma determinada idéia vem, mas somente como ela ajuda a iluminar as respostas humanas à sua condição – assunto tanto da sociologia como das *belles-lettres*.

Do mesmo modo, Morin (1997, p. 16) também se manifesta sobre a importância da arte em sua formação autodidata, em sua cultura e no cultivo da sensibilidade para a vida: "Ao

nos transportar a um estado semi-hipnótico, o cinema nos iniciava em uma vida superior, mágica, sublime". E continua o autor: "juntamente com o cinema, era o romance que nutria minha substância mais íntima. Meu amor pela leitura veio desde os primeiros anos escolares [...]" (MORIN, 1997, p. 18). Morin (1997, p. 20) ainda expõe suas descobertas: "Pelo romance e pelo livro, cheguei ao mundo".

Trata-se, sobretudo, de compreender a arte tal qual a ciência como elementos importantes para a humanização da condição humana e que, cada vez mais, possamos configurar a arte e o conhecimento científico como meios inequívocos e desprovidos de hierarquia ou monopólio, para a emancipação e, por isso, ambientes promotores de qualidade de vida e felicidade.

Bauman aponta ainda para uma dicotomia nas formas de expressão e compreensão do mundo entre o cientista e o romancista – acadêmico e o artista –, e atribui à ciência social uma visão recortada de "impressões falsas", que são oriundas do conhecimento insuficiente ou da ignorância. O autor assim se manifesta (PALLARES-BURKE, 2004, p. 319):

Ao contrário dos acadêmicos, portanto, os romancistas podem, aberta e sem a menor vergonha, recorrer a estratégias que os primeiros desconsiderariam arrogantemente como "meras intuições", "puras suposições" ou mesmo "construções da imaginação". É por agirem assim que eles podem abrir novas possibilidades interpretativas [...].

Mas, acima de tudo, a maior vantagem da narrativa dos romancistas é que ela se aproxima mais da experiência humana do que a maioria dos trabalhos e relatórios das ciências sociais. Elas são capazes de reproduzir a não-determinação, a não-finalidade, a ambivalência obstinada e insidiosa da experiência humana e a ambigüidade de seu significado – todas características muito marcantes do modo de o ser humano estar no mundo [...].

Na mesma direção, Morin (1997, p. 19) chama a atenção para a importância da arte, com ênfase na literatura como possibilidade para o autoconhecimento e para o conhecimento do mundo:

Um livro importante revela-nos uma verdade ignorada, escondida, profunda, sem forma que trazemos em nós, e causa-nos um duplo encantamento, o da descoberta de nossa própria verdade na descoberta de uma verdade exterior a nós, e o da descoberta de nós mesmos em personagens diferentes de nós.

É necessário, portanto, instituir o diálogo aberto e comprometido com a religação entre ciência, arte e cultura derrubando barreiras hierárquicas que impedem a interrogação do conhecimento. Cabe à educação estabelecer novas configurações transversais e complexas em suas práticas e teorias que privilegiem a construção de um saber responsável, crítico, aberto, que leve em conta a multidimensionalidade planetária.

O CULTIVO DO ESTADO POÉTICO DA EXISTÊNCIA

Um novo paradigma consiste em novos modos de pensar sobre nós mesmos e implica constituir novos olhares sobre as relações e as sociedades em que vivemos. Novas tendências e perspectivas não surgem por acaso, mas emergem de respostas recorrentes e interpretações simultâneas às circunstâncias variáveis do mundo contemporâneo. Se, de um lado, vivemos sob a égide de uma rotina racional, prosaica e disciplinada do cotidiano, de outro, alimentamos diversas possibilidades poéticas que habitam o terreno da experiência emocional, sensível e estética do humano.

Para Morin (2002), a linguagem comporta a expressão de dois estados de espírito dos sujeitos – a prosa e a poesia – que, ao passo que são contraditórios, são também complementares. Enquanto a prosa denota, define e é precisa, a poesia conota, evoca imagens e é metafórica em sua forma de expressar-se. A prosa insere-se no contexto da lógica, da técnica e do dever, enquanto a poesia relaciona-se ao sonho, ao imaginário, ao prazer e à capacidade de o sujeito encantar-se diante do belo da vida. "O estado poético é um estado de emoção, de afetividade, realmente um estado de espírito. [...] Esse estado pode ser alcançado na relação com o outro, na relação comunitária, na relação imaginária ou estética" (MORIN, 2002, p. 136-139). E há vários caminhos para atingi-lo, tais como: danças, cantos, festas; bebidas e outros alucinógenos; rituais, cultos religiosos; jogos; viagens; espetáculos de massa; literatura, poesia, pintura, música, cinema.

Poético é o aspecto existencial e amoroso do sujeito. Morin (1998, p. 43) entende que "O fim da poesia é o de nos colocar em estado poético". O estado poético nutre-se do estado estético, e este daquele, reciprocamente, associando o lúdico, o consumo e o imaginário.

O ser humano é *homo sapiens* – da sabedoria e *homo demens* – da loucura. Ele quer superar-se e experimentar a harmonia, a comunhão, o transe, podendo chegar ao ápice da emoção que é o êxtase, mas, como traz em si a característica da *úbris* – que é a desmedida –, pode também extrapolar os próprios limites e praticar excessos. Daí, o que é bom, sublime e belo pode tornar-se demasiado e, paradoxalmente, prejudicial, destruidor e até mortal. O difícil da complexidade é conviver com o incerto, descobrir o ponto de equilíbrio diante das contradições do humano, que ao mesmo tempo é *homo sapiens-demens*.

Concordamos com Morin (2002, p. 135) quando empresta do virtuoso pianista e compositor Franz Liszt a afirmação: "as artes são o meio mais seguro de se esconder do mundo, mas também o meio mais seguro de unir-se a ele". Por meio da arte, entramos em contato com nossas emoções, nossos instintos e desejos. Com ela podemos nos conectar à beleza, ao sublime, à transcendência. A arte renova a esperança e o sentido e nos coloca em sintonia com o estado poético do viver.

Na dialógica da existência, Bachelard (2007, p. 100-101) destaca o instante poético que é complexo: "Essencialmente, o instante poético é a relação harmônica de dois contrários. No

instante apaixonado do poeta, há sempre um pouco de razão; na recusa racional, resta sempre um pouco de paixão". O autor, citando Roupnel, também atribui à arte o caminho fecundo da união da razão e emoção:

Ela nos cura a fadiga social da alma e remoça a percepção gasta. Restitui à expressão aviltada o sentido ativo e a representação realista. Reconduz a verdade à sensação e a probidade à emoção. Ensina-nos a lançar mão de nossos sentidos e de nossa alma como se nada ainda lhes houvesse depravado o vigor ou arruinado a clarividência (BACHELARD, 2007, p. 96).

Cabe a cada um aprender a cultivar a sua dimensão sensível e poética. Do mesmo modo, cabe à escola preparar o sujeito não apenas para a sabedoria, a disciplina, a prosa, mas também para a alegria, o belo, o poético. Morin (2002, p. 137) diria: por que não também para o amor, já que poesia e amor se retroalimentam?

[...] a vida real da poesia é o amor. Um amor nascente inunda o mundo de poesia; um amor que dura irriga de poesia a vida cotidiana; o fim de um amor nos devolve à prosa. O amor, unidade incandescente da sabedoria e da loucura, faz-nos suportar o destino, faz-nos amar a vida. O amor é a grande poesia no mundo prosaico moderno e alimenta-se de uma imensa poesia imaginária (romances, filmes, revistas).

Esse exercício de compreensão é necessário para que possamos contribuir com a mudança de perspectiva na ciência e no cotidiano prosaico da vida, poetizando o presente e o devir. Construir um caminho convivendo com as incertezas é entender que o sentido da vida se situa entre o imaginário e o real, o mítico e o lógico, o prosaico e o poético. É isso que sentimos nas manifestações artísticas e religiosas, diante do paradoxo beleza-tristeza, ao mesmo tempo contraditório e complementar. É por isso que podemos experimentar diversas emoções diante de uma pintura de Picasso como *Guernica*; diante de uma escultura como *A porta do Inferno*, de Rodin, ou *A maturidade*, de Camille Claudel; diante de uma música do Chico ou do *Bolero* de Ravel, e ainda, diante de uma poesia de Fernando Pessoa ou de um filme de Almodóvar.

O tecido de nossa existência é feito de prosa e de poesia, por isso precisamos costurar os diversos fios dessa trama, que impõe ao pensamento a religação. Considerando a complexidade humana que supõe a dialógica *sapiens-demens*, objetividade-subjetividade, razão-emoção, real-imaginário, em suas dimensões diversas, opostas, concorrentes e complementares, precisamos de um tipo de pensamento capaz de unir e associar o múltiplo e o *complexus*, que, na própria origem latina do termo, já significa o que é tecido junto.

Poeticizing the everyday prosaic of existence (in science and education)

Abstract – From a fragmented landscape of contemporary societies, which stimulate the establishment of weak links, aim of this paper is to reflect on the role of education in light of the complex thought of Edgar Morin and the idea of liquid society of Zygmunt Bauman, believing that the linking of knowledge is essential to the cultivation of the state of poetic subjects, with a view to a more united and happy life.

Keywords: science, art, education, poetic, prosaic.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *Tempus fugit*. Ilustrações Anna M. Badaró. São Paulo: Paulus, 1990.
- ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. 51. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BACHELARD, G. *A intuição do instante*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. Campinas: Verus, 2007.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BONDER, N. *Ter ou não ter, eis a questão! A sabedoria do consumo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- MORAES, V. de. *Os melhores poemas de Vinícius de Moraes*. Seleção Renata Pallotini. 4. ed. São Paulo: Global, 1986.
- MORIN, E. *O Método IV. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Tradução Emílio Campos Lima. Mira-Sintra: Europa-América, 1991.
- MORIN, E. *Meus demônios*. Tradução Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- MORIN, E. *Amor, poesia, sabedoria*. Tradução Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, E. *O Método 5: a humanidade da humanidade*. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Tempo Social*, v. 16, n. 1, p. 301-325, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v16n1/v16n1a15.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2012.

YOURCENAR, M. *Cartas a sus amigos*. Tradução Maria Fortunata Prieto Barral. Madri: Alfguara, 2000.